

Triumph and Tragedy © Dmitri Volkogonov 1991
Reproduzido sob permissão de Weidenfeld and Nicholson

Stalin © Edvard Radzinsky 1996
Reproduzido sob permissão de Hodder and Stoughton Limited

FICHA TÉCNICA

Título: *O Segredo de Estaline*

Título original: *Archangel*

Autor: *Robert Harris*

Copyright © Robert Harris 1998

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023

Tradução: *Catarina Ferreira de Almeida*

Revisão: *Inês Guerreiro/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 518 738/23

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2023

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

A história de Rapava

A morte resolve todos os problemas — se não houver homens,
não há problemas.

J. V. Estaline, 1918

Uma noite, já tarde, há muito tempo — antes mesmo de teres nascido, rapaz —, um guarda-costas refugiou-se na varanda das traseiras de um casarão de Moscovo a fumar um cigarro. Era uma noite fria, sem estrelas e sem luar, e ele fumava mais pelo calor que emanava do cigarro do que por qualquer outro motivo, com as mãos grandes, de jovem camponês, em torno do tubo de cartão incandescente de um *papirosa* georgiano.

O nome deste guarda-costas era Papu Rapava. Tinha vinte e cinco anos e era um mingrélio do litoral nordeste do Mar Negro. E quanto à casa — bem, *fortaleza* seria uma palavra melhor —, era uma mansão czarista que ocupava metade de um quarteirão no sector diplomático, não muito longe do rio. Algures na escuridão glacial do fundo do jardim murado, havia um cerejal e, mais além, uma rua larga — a Sadovaya-Kudrinskaya —, e para lá dessa rua, o Jardim Zoológico de Moscovo.

Não havia trânsito nas ruas. Ao longe, muito ténue, quando tudo estava silencioso, como agora, e o vento soprava na direção certa, ouvia-se o uivo dos lobos encarcerados.

Por esta altura, a rapariga deixara de gritar, o que era uma bênção, porque os seus gritos tinham-no perturbado. Não teria mais de quinze anos, era pouco mais velha do que a sua irmã mais nova e, quando fora buscá-la e a entregara, ela tinha olhado para ele — tinha olhado para ele. Bem, na verdade, rapaz, ele até preferia não falar nisso, apesar de ter sido há quase cinquenta anos.

Em todo o caso, a rapariga calara-se finalmente, e ele estava a gozar o seu cigarro à varanda quando o telefone tocou. Deviam ser umas duas da manhã. Ele nunca se esqueceria desse momento. Duas da manhã do dia dois de março de 1953. Na quietude fria da noite, o toque do telefone soou como um alarme de incêndio.

Ora, por regra — tens de compreender isto —, havia quatro guardas de serviço durante o turno da tarde: dois dentro de casa e dois na rua. Contudo, quando estava com uma rapariga, o Chefe preferia que a segurança fosse reduzida ao mínimo, pelo menos dentro de casa, pelo que, nessa noite em particular, Rapava estava sozinho. Quando ouviu o telefone tocar, livrou-se do cigarro, correu até à sala dos guardas, passou a cozinha e entrou no átrio. Era um modelo antiquado, do tempo anterior à guerra, fixo na parede — Virgem Santíssima, o barulho que aquilo fazia! —, e ele pegou no auscultador a meio do toque.

— *Lavrenty?* — perguntou uma voz masculina do outro lado.

— Ele não está aqui, camarada.

— *Vá chamá-lo. É o Malenkov.* — A voz, geralmente ponderada, parecia ríspida de pânico.

— Camarada...

— *Vá chamá-lo. Diga-lhe que aconteceu uma coisa. Aconteceu uma coisa em Blizbny.*

— Sabes o que significa *Blizbny*, rapaz? — perguntou o velho.

Eram dois no quarto minúsculo, no vigésimo terceiro andar do Hotel Ukraina, afundados num par de poltronas de espuma baratas e tão próximos um do outro que os joelhos quase se tocavam. A luz do candeeiro da mesa de cabeceira projetava as sombras difusas dos dois homens nos cortinados da janela — um perfil ossudo, descarnado pelo tempo, o outro mais robusto, de meia-idade.

— Sim — disse o homem de meia-idade, que se chamava Fluke Kelso. — Sim, sei o que significa Blizhny. (*Claro que sei, caramba, apetecia-lhe dizer, foram dez anos em Oxford a ensinar História da União Soviética...*)

Blizhny significa «perto», em russo. E «perto», no Kremlin dos anos quarenta e cinquenta, era abreviatura de «Dacha Próxima». E a Dacha Próxima era em Kuntsevo, à saída de Moscovo — dupla vedação, trezentos soldados das tropas especiais do NKVD e oito baterias antiaéreas de trinta milímetros camufladas, todas escondidas na floresta de bétulas para proteger o velho e solitário habitante da dacha.

Kelso aguardou que o velho continuasse, mas Rapava parecia atrapalhado, a tentar acender um cigarro com uma carteira de fósforos. Não estava a conseguir. Os dedos não logravam agarrar aqueles pauzinhos fugidios. Ele não tinha unhas.

— O que fez, então? — Kelso inclinou-se e acendeu-lhe o cigarro, esperando disfarçar a pergunta com o gesto e moderar o seu entusiasmo. Na pequena mesa entre os dois, escondido no meio das garrafas vazias, dos copos sujos, do cinzeiro e dos maços amachucados de *Marlboro*, estava um gravador em miniatura que Kelso lá tinha posto quando lhe pareceu que Rapava estava distraído. O velho deu um trago fundo no cigarro e contemplou a ponta com gratidão. Atirou os fósforos para o chão.

— Sabes o que significa *Blizhny*? — disse, por fim, recostando-se na poltrona. — Então, sabes o que eu fiz.

Trinta segundos depois de atender o telefone, o jovem Papu Rapava estava a bater à porta de Beria.

Lavrenty Pavlovich Beria, membro do Politburo, coberto por um quimono largo de seda vermelha que mostrava a barriga descaída como uma grande saca de areia branca, chamou cabrão a Rapava em mingrélio e deu-lhe um empurrão no peito que o fez recuar aos tropeços para o corredor. Depois, afastou-o para o lado e caminhou pesadamente até à escada, na qual os seus pés brancos e suados deixaram marcas de humidade no chão de *parquet*.

Pela porta aberta, Rapava viu o interior do quarto — a cama grande, de madeira, o pesado candeeiro de bronze em forma de

dragão, os lençóis carmesim, os membros brancos da rapariga, abertos numa pose sacrificial. Tinha os olhos arregalados, escuros e vazios, e não fez qualquer esforço para se cobrir. Na mesa de cabeceira, estava um jarro de água e uma coleção de frascos de medicamentos. No tapete *Aubusson* em tons de amarelo, tinha-se espalhado uma série de comprimidos grandes e brancos.

Rapava não se lembrava de mais nada, ou de quanto tempo ao certo ali ficara, até ouvir a respiração ofegante de Beria a subir a escada, todo alvoroçado pela conversa que tivera com Malenkov, a atirar com as roupas à rapariga enquanto lhe gritava *Sai daqui, sai daqui*, e a ordenar a Rapava que lhe fosse buscar o carro.

Rapava perguntou-lhe quem mais ele queria levar. (Tinha em mente Nadaraya, o chefe da guarda pessoal de Beria, que costumava acompanhar o Chefe por toda a parte. E talvez Sarsikov, que nesse momento já sucumbira ao torpor da vodka e ressonava alto na casa dos guardas ao lado do edifício. Ao ouvir a pergunta, Beria, que se virara de costas para Rapava e começara a despir o quimono, deteve-se uns instantes e olhou de relance por cima do ombro carnudo — a cismar, a cismar; viam-se-lhe os olhos minúsculos a dardejar atrás da luneta sem aros.

— Não — disse por fim. — Só tu.

O carro era americano — um *Packard*, doze cilindros, carroçaria verde-escura, estribo com meio metro de largura —, uma beleza. Rapava tirou-o da garagem e foi em marcha-atrás pela Rua Vspolnyi até parar mesmo à porta da entrada principal. Deixou o motor ligado para pôr o aquecimento a funcionar, saltou para fora do carro e adotou a pose típica do NKVD, ao lado da porta de trás: mão esquerda na anca, sobretudo e casaco entreabertos, coldre do ombro à mostra, mão direita na coroa da pistola *Makarov*, de olhos em ambos os lados da rua. Beso Dumbadze, outro rapaz mingrelíio, virou a esquina a correr para ver o que se passava no preciso momento em que o Chefe saía de dentro de casa e pisava o passeio.

— O que trazia ele vestido?

— Sei lá eu o que ele trazia vestido, rapaz! — disse o velho, irritado. — Que diabo interessa o que ele trazia vestido?

Na verdade, agora que pensava nisso, o Chefe vestira-se de cinzento — sobretudo cinzento, fato cinzento, *pullover* cinzento, sem gravata — e, com a luneta, os ombros descaídos e a cabeça grande e abobadada, só fazia lembrar uma coruja. Uma velha coruja, malévola e cinzenta. Rapava abriu a porta, e Beria entrou para o banco de trás. Dumbadze — a cerca de dez metros de distância — fez um gesto com as mãos que significava *que diabo faço eu?*, ao que Rapava respondeu com um encolher de ombros: *que diabo sabia ele?* Correu à volta do carro até ao banco do condutor, enfiou-se atrás do volante, carregou no manípulo das mudanças para meter a primeira, e arrancaram.

Já tinha percorrido uma dúzia de vezes os vinte quilómetros até Kuntsevo, sempre de noite e sempre no meio da escolta do secretário-geral — e *isso* é que era um espetáculo e tanto, rapaz, posso garantir-te. Quinze viaturas com cortinas nas janelas de trás, metade do Politburo — Beria, Malenkov, Molotov, Bulganin, Khrushchev —, além dos guarda-costas: saíam do Kremlin, passavam o Portão Borovitskiy, desciam a rampa, aceleravam para os 120 quilómetros por hora, a milícia interrompia o trânsito a cada cruzamento, dois mil homens do NKVD à paisana ao longo do percurso. E nunca se sabia em que carro viajava o secretário-geral até ao último minuto, quando o comboio saía da autoestrada, se desviava para a floresta e um dos grandes *ZiL* saía da fila e acelerava até à cabeça do cortejo, esperando que os outros abrandassem para deixar o Legítimo Herdeiro de Lenine ir à frente.

Mas nada disso se passava nessa noite. A estrada larga estava deserta, e, assim que atravessaram o rio, Rapava deu liberdade ao grande carro ianque, e o velocímetro faiscou perto dos 130 quilómetros por hora, enquanto Beria se recostava no banco de trás, imóvel como uma pedra. Dali a doze minutos, a cidade ficou para trás. Dali a quinze, no fim da autoestrada de Poklonnaya Gora, abrandaram para virar no desvio oculto. As riscas brancas e altas das bétulas prateadas estremeciam à luz dos faróis.

Como estava silenciosa a floresta, e escura, sem limites — lembrava um mar calmo e sussurrante. Rapava sentiu que se estendia

até à Ucrânia. Um trilho de um quilómetro levou-os à vedação do primeiro perímetro, onde uma barreira vermelha e branca à altura da cintura interrompia a estrada. Dois membros das forças especiais do NKVD, com capas, barretes e submetralhadoras nas mãos, saíram sem pressa da guarita, olharam para o rosto inexpressivo de Beria, fizeram uma continência rápida e levantaram a barreira. A curva da estrada prolongou-se por mais uma centena de metros, passando as sombras corcundas de arbustos gigantes, e os poderosos faróis do *Packard* iluminaram a segunda vedação, um muro de cinco metros com fendas para armas. Portões de ferro foram abertos no interior por mãos invisíveis.

Por fim, a dacha.

Rapava esperara algo fora do normal — não sabia bem o quê —, carros, homens, uniformes, o bulício de uma crise. Mas a casa de dois andares estava mergulhada na escuridão, tirando uma lanterna amarela por cima da entrada. A esta luz, uma figura aguardava — a silhueta inconfundível, roliça e morena do vice-presidente do Conselho de Ministros, Georgiy Maksimilianovich Malenkov. E eis uma coisa estranha, rapaz: ele tinha descalçado os seus brilhantes sapatos novos e enfiara-os por baixo do braço rechonchudo.

Beria saiu do carro ainda antes de este ter parado e, num ápice, agarrou Malenkov pelo cotovelo e pôs-se a ouvir o que este lhe dizia, acenando, a falar-lhe em voz baixa enquanto olhava para um lado e para o outro. Rapava ouviu-o dizer:

— Tiraste-o daqui? Tiraste-o?

E, logo a seguir, Beria estalou os dedos na direção de Rapava, e Rapava percebeu que o chamavam para os seguir para dentro da dacha.

Nas suas visitas anteriores à dacha, ou esperara dentro do carro até o Chefe sair ou fora até à casa dos guardas beber um copo e fumar um cigarro com os outros motoristas. Tens de perceber que *dentro* era um território proibido. Ninguém a não ser os funcionários do secretário-geral e os seus convidados entrava lá *dentro*. E agora, ao avançar para o átrio, Rapava sentia-se quase sufocado de pânico — fisicamente estrangulado, como se alguém lhe tivesse posto as mãos à volta da traqueia.

Malenkov ia na frente, de meias, e até o Chefe ia em bicos de pés, pelo que Rapava fez o que os outros faziam e tentou não acrescentar qualquer ruído. Não se via viva alma. A casa parecia deserta. Os três deslizaram por um corredor, passaram por um piano de cauda e entraram numa sala de jantar com cadeiras para oito. As luzes estavam acesas. Os cortinados corridos. Havia papéis em cima da mesa e um suporte de cachimbos *Dumbill*. Um gramofone a um canto, a que tinham dado corda. Por cima da lareira, uma fotografia a preto-e-branco ampliada, numa moldura de madeira barata; o secretário-geral em jovem, sentado num jardim, num dia de sol, com o camarada Lenine. No fundo da sala, havia uma porta. Malenkov virou-se para eles e encostou aos lábios um dedo sapudo, e só depois a abriu, muito devagar.

O velho fechou os olhos e estendeu-lhe o copo vazio, pedindo uma segunda dose. Ele suspirou.

— Sabes, rapaz, as pessoas criticam o Estaline, mas uma coisa temos de dizer a seu favor: ele vivia como um homem de trabalho. Não como o Beria: *esse* julgava-se um príncipe. Mas o quarto do camarada Estaline era o quarto de um homem humilde. Temos de lhe fazer essa justiça. Nunca deixou de ser um de nós.

Apanhada na corrente de ar vinda da porta aberta, uma vela vermelha tremeluziu a um canto, por baixo de um pequeno ícone de Lenine. A única outra fonte de luz era um candeeiro de leitura com quebra-luz em cima da secretária. No centro do quarto, um sofá amplo era usado como cama. Um áspero cobertor castanho militar caía do sofá para o tapete pele de tigre em baixo. No tapete, a respirar de forma laboriosa e aparentemente adormecido, estava um homem velho, baixo e gordo, corado, com um casaco branco-sujo e ceroulas de lã compridas. Tinha-se sujado. O quarto estava quente e fedia a excrementos humanos.

Malenkov tapou a boca com a mão sapuda e não se afastou da porta. Beria aproximou-se do tapete muito depressa, desabotoou o sobretudo e caiu de joelhos. Pousou as mãos na testa de Estaline e abriu-lhe as pálpebras com os dois polegares, revelando os olhos vidrados e raiados de sangue.

— Josef Vissarionovich — disse, em voz baixa —, é o Laventry. Amigo camarada, se consegues ouvir-me, mexe os olhos. Camarada? — Depois, para Malenkov, mas sem desviar os olhos de Estaline: — E dizes que ele pode estar assim há *vinte horas*?

Atrás da palma da mão, Malenkov fez um som engasgado. Lágrimas corriam-lhe pelas faces macias.

— Amigo camarada, mexe os teus olhos... Os teus olhos, amigo camarada... Camarada? Ah, que se lixe. — Beria retirou as mãos e levantou-se, limpando os dedos ao casaco. — Foi um derrame, não há que enganar. É um pedaço de carne. Onde estão o Starostin e os rapazes? E o Butusova?

Malenkov chorava, e Beria teve de se colocar entre ele e o corpo — teve literalmente de lhe bloquear a visão para conseguir que ele o ouvisse. Agarrou nos ombros de Malenkov e começou a falar-lhe numa voz baixa e rápida, como se fala com as crianças — disse-lhe que esquecesse Estaline, que Estaline passara à história, que Estaline era um pedaço de carne, que o importante era o que eles iam fazer a seguir e que tinham de manter-se unidos. Portanto: onde estavam os rapazes? Ainda estavam na sala dos guardas?

Malenkov aquiesceu e limpou o nariz à manga do casaco.

— Muito bem — disse Beria. — É isto que vais fazer.

Malenkov tinha de calçar os sapatos e ir dizer aos guardas que o camarada Estaline estava a dormir, que caíra de bêbedo, e por que carga de água é que ele e o camarada Beria tinham sido arrancados da cama para nada? Teria de dizer-lhes para não tocarem no telefone, para não chamarem os médicos. («Estás a ouvir, Georgiy?») Sobretudo, nada de médicos, porque o secretário-geral achava que todos os médicos eram envenenadores judeus — lembras-te? Portanto, que horas eram? Três? Muito bem. Às oito — não, melhor, às sete e meia —, Malenkov tinha de começar a chamar a cúpula. Tinha de dizer-lhes que ele e Beria queriam reunir todo o Politburo ali, em Blizhny, às nove. Tinha de lhes dizer que estavam preocupados com a saúde de Josef Vissarionovich e que urgia tomar uma decisão coletiva a respeito do tratamento.

Beria esfregou as mãos.

— Só isso já vai fazer com que borrem as calças. E agora vamos pô-lo em cima do sofá. Tu — disse ele, a Rapava. — Pega-lhe nas pernas.

Enquanto falava, o velho afundara-se na poltrona, de pés afastados e olhos fechados, a voz monocórdica. De súbito, deixou escapar um grande suspiro e tornou a endireitar-se. Olhou em redor, para o quarto de hotel, em pânico.

— Preciso de ir urinar, rapaz. Tenho de ir.

— Ali.

Ergueu-se com a cautelosa dignidade de um bêbedo. Através da parede de tabique, Kelso ouviu o som da urina a furar a parte de trás da bacia da retrete. *É justo*, pensou. Havia muito que descarregar. Ele passara uma boa parte das últimas quatro horas a lubrificar a memória de Rapava: primeiro, cerveja *Baltika* no bar do Ukraina, depois, *Zubrovka* num café do outro lado da rua, por fim, um uísque de malte único na intimidade atravancada do seu quarto. Era como pescar um peixe: pescar um peixe num rio de bebida. Reparou na carteira de fósforos que Rapava lançara para o chão e inclinou-se para a apanhar. Na parte de trás, lia-se o nome de um bar ou discoteca — *ROBOTNIK* — e uma morada perto do estádio do Dínamo. Nesse momento, ouviu-se o som do autoclismo, e Kelso guardou os fósforos no bolso. Rapava reapareceu, encostado à ombreira da porta, a apertar a braguilha.

— Que horas são, rapaz?

— Quase uma.

— Tenho de ir. Ainda vão pensar que sou o teu namoradinho.

— Fez um gesto obsceno com a mão.

Kelso fingiu uma risada. Claro, ele já chamara um táxi, com certeza. Mas, já agora, terminamos a garrafa — estendeu o braço para a garrafa de uísque e sub-repticiamente verificou se o gravador ainda estava ligado —, terminamos a garrafa, camarada, *e terminamos a história*.

O velho franziu o sobrolho e olhou para o chão. A história estava terminada. Não havia mais nada a dizer. Eles puseram Estaline em cima do sofá — e depois? Malenkov saiu para ir falar com os

guardas. Rapava levou Beria para casa. E toda a gente sabe o que aconteceu a seguir. Um dia ou dois mais tarde, Estaline estava morto. E, não muito depois, Beria também estaria morto. Malenkov — bem, ainda se aguentou vários anos depois da sua desgraça (Rapava viu-o uma vez, nos anos setenta, a arrastar os pés pela Arbat), mas agora até Malenkov estava morto. Nadaraya, Sarsikov, Dumbadze, Starostin, Butusova — mortos, todos mortos. O Partido estava morto. Que diabo, o país estava morto, se pensássemos bem nisso.

— Não acredito que a sua história acabe aí — disse Kelso. — Sente-se, por favor, Papu Gerasimovich. Vamos terminar esta garrafa.

Falara com educação e de forma hesitante, porque pressentia que a anestesia do álcool e da vaidade começava a dissipar-se e que Rapava, ao voltar a si, podia de repente dar-se conta de que estava a falar de mais. Sentiu mais um espasmo de irritação. Cristo, eram sempre tão *difíceis* estes velhos NKVD — difíceis e talvez *perigosos* ainda. Kelso era um historiador na casa dos quarenta, trinta anos mais novo do que Papu Rapava. Mas não estava em forma — na verdade, nunca estivera propriamente *em* forma — e não lhe parecia que tivesse grandes hipóteses se aquele velho se virasse contra ele. Rapava, no fim de contas, era um sobrevivente dos campos do Círculo Polar Ártico e não se teria esquecido de como se magoa um homem muito depressa, supunha Kelso, e com severidade.

Serviu mais um copo a Rapava, encheu o seu e fez um esforço para continuar a falar.

— O que eu quero dizer é: ali estava você, com vinte e cinco anos, no quarto do secretário-geral. Mais perto do núcleo era impossível: aquilo era o santuário, o espaço *sagrado*. O que passou pela cabeça de Beria para o levar até lá?

— Estás surdo, rapaz? Já te disse. Ele precisava de mim para transportar o corpo.

— Mas porquê você? Porque não um dos guardas pessoais de Estaline? Afinal, foram eles que o encontraram e que alertaram Malenkov. E porque é que Beria não levou um dos seus rapazes mais antigos para Blizhny? Porque é que o levou a *si*?

Rapava estava a balouçar, de olhos fixos no copo de uísque. Mais tarde, Kelso chegou à conclusão de que aquela noite girara, na verdade, em torno de uma só coisa: Rapava precisava de mais uma bebida, e precisava dela nesse preciso instante, e precisava das duas coisas combinadas, mais do que precisava de sair. Regressou e afundou-se na poltrona, bebeu o copo de um trago e estendeu-o, a pedir mais uma dose.

— Papu Rapava — continuou Kelso, vertendo-lhe mais três dedos de uísque. — Sobrinho de Avksenty Rapava, o amigo mais antigo que Beria tinha no NKVD georgiano. Mais novo do que os outros. Um novato na cidade. Talvez um pouco mais ingénuo do que os outros? Estou certo? Precisamente o tipo de jovem ambicioso para quem o Chefe teria olhado e pensado: *sim, eu podia usá-lo, podia usar o rapaz do Rapava, ele saberia guardar um segredo.*

O silêncio alongou-se e adensou-se até se tornar quase tangível, como se alguém houvesse entrado no quarto e se tivesse juntado a eles. Rapava começou a balouçar a cabeça de um lado para o outro e depois inclinou-se para a frente e agarrou a parte de trás do pescoço descarnado com as duas mãos, de olhos postos no tapete puído. Usava o cabelo grisalho cortado rente. E, do cocuruto até à têmpora, tinha uma velha cicatriz saliente. Parecia ter sido cosido por um homem cego com um cordão. E os dedos: pontas amarelas enegrecidas, nenhuma delas com unha.

— Desliga o gravador, rapaz — disse, numa voz serena, acenando para a mesa. — Desliga-o. E agora tira a cassete, isso, e deixa-a aí, à vista.

O camarada Estaline era um homem baixo — media menos de um metro e setenta —, mas era pesado. Mãe do Céu, como era pesado! Não parecia feito de carne e osso, mas de algo mais denso. Arrastaram-no pelo soalho, com a cabeça a bater nas traves polidas, e depois tiveram de o içar, a começar pelas pernas. Rapava reparou — não conseguiu evitar porque estavam quase em cima dele — que uma membrana unia o segundo e terceiro dedos dos pés do secretário-geral — a marca do Diabo — e, quando os outros não estavam a olhar, benzeu-se.